

LÍDIA JORGE
Diante da Chuva

ilustração de crónica de Lídia Jorge constante na obra *Em todos os Sentidos*
escola secundária do restelo 2023

DIANTE DA CHUVA



Quatro, cinco vezes em cada ano, chove na casa do bosque. **O telhado é feito de pequenas peças de barro que o meu avô, quando era moço, produzia na sua fábrica de ladrilho, tijolos e telhas mouriscas.**

Protegendo-nos, ainda ali estão elas, às camadas, sobrepostas, cobertas de líquenes, há perto de cem anos. É sobre elas que a água, quatro, cinco vezes por ano, começa a cair de manso, sem quase se ouvir, e depois, quando vem arrebatada, é sobre elas que a chuva canta com voz humana.

Conheço o caminho da água. Se chove pouco a precipitação apenas se faz sentir em forma de humidade.



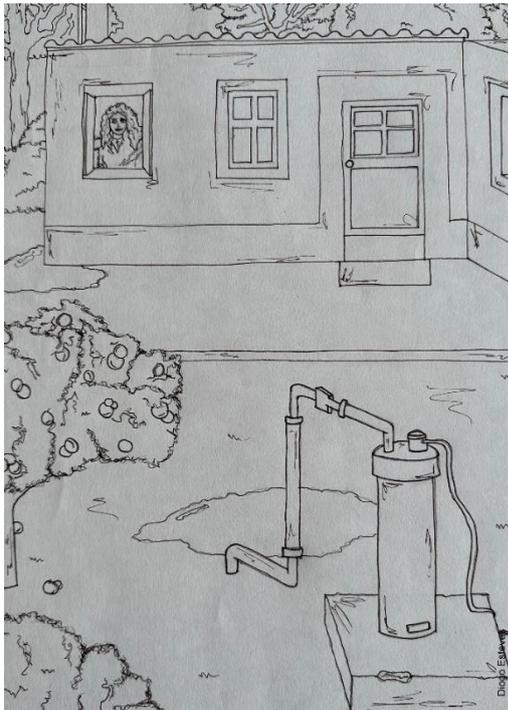
Se chove de forma intensa – quatro, cinco vezes por ano – a água desliza pelos telhados, passa pelas goteiras e vem cair em forma de jacto, formando poças a que eu atribuía o nome de lagos, quando era adolescente. A poça junto ao portão era o Lago Vitória, a poça junto à eira era o Lago Tanganica, a poça sob a romãzeira era o Lago Titicaca. Mas já antes de ter conhecimento para lhe atribuir semelhante nomes, eu gostava da água que ficava à superfície da terra, depois da chuva. Nos sulcos de lama, formavam-se rios com margens, ervas eram grandes árvores, e o barco de papel era o paquete que tinha levado o meu pai.



Nos rios e mares que ficavam depois da chuva, havia transatlânticos que traziam de volta o meu pai. Mas talvez tenha sido o pesar pela escassez da chuva que me tenha feito desejá-la, e me leve ainda hoje a ouvi-la a cair com gosto das nuvens carregadas.



Quando chove, fico imóvel à espera não sei de quê. Como os primitivos: a chuva a cair sobre as telhas diz-me que existirá fertilidade na Terra. Talvez no princípio da vida eu tenha tido notícia de formas desesperadas de chamar a chuva. Esperar por ela como carente, foi jeito que me ficou. Hoje em dia, na casa do bosque, eu não sinto falta



de água. **Tenho um poço artesiano e uma bomba que vai buscá-la amais de trezentos metros de profundidade, e ela distribuiu-se pelas torneiras com a simplicidade de uma arte mágica.**

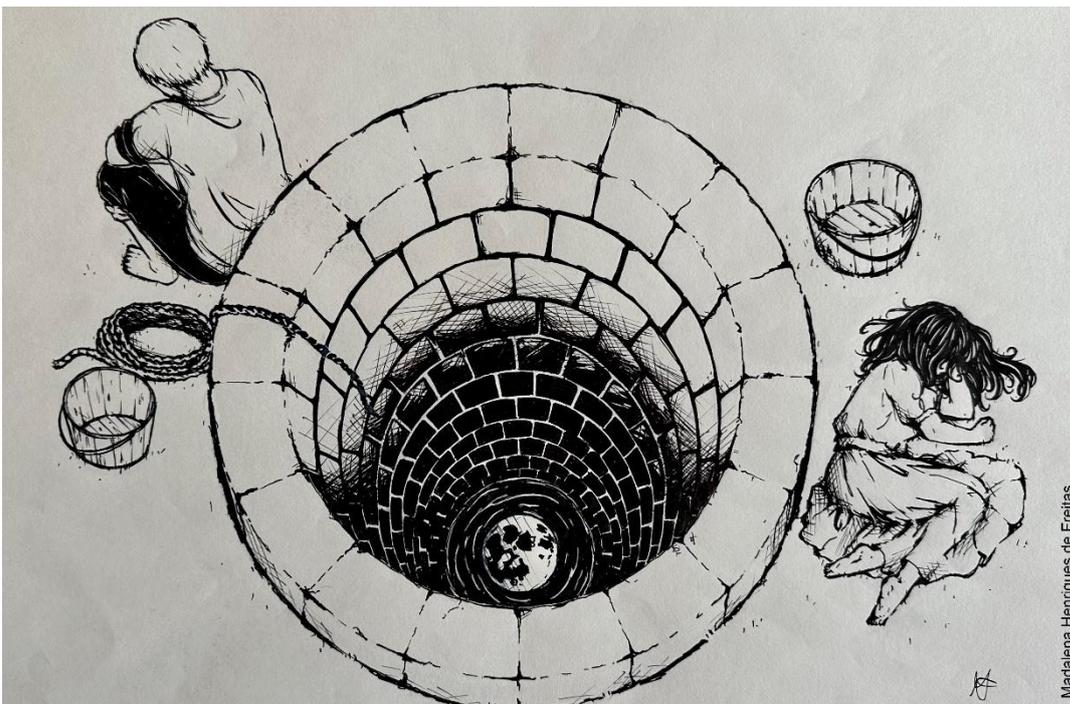
Mas ainda conheci os relatos daqueles que antigamente precisavam de ficar de guarda aos cântaros, junto dos poços, dias inteiros, à espera de os poder encher. **Porque a água, no fundo dos poços, ora ia, ora vinha, dizia-se que o mesmo poço andava às marés.**





No Verão, os habitantes da região onde fica a casa do bosque dormiam junto aos poços.

A água acumulava-se lá em baixo, formando um espelho onde a Lua se reflectia como se fosse um olho.



O gargalo dos poços, feitos de pedras calcárias, próximo do mármore, estava gasto de tantas vezes as cordas passarem para que o balde fosse buscar a água.



Sulcos do labor das cordas que subiram e desceram ao longo de muitos séculos.

Quando não havia água nenhuma, a população juntava-se e rezava novenas, grandes procissões de famílias inteiras a olharem para o céu sem nuvens. Essa era uma história antiga que se contava na casa do bosque.

Mas eu já nasci no tempo da

cisterna de alvenaria. **O meu avô materno, dispendo de materiais de construção, criou um reservatório gigantesco para a época, uma cisterna de seis mil litros. Lá no fundo,**

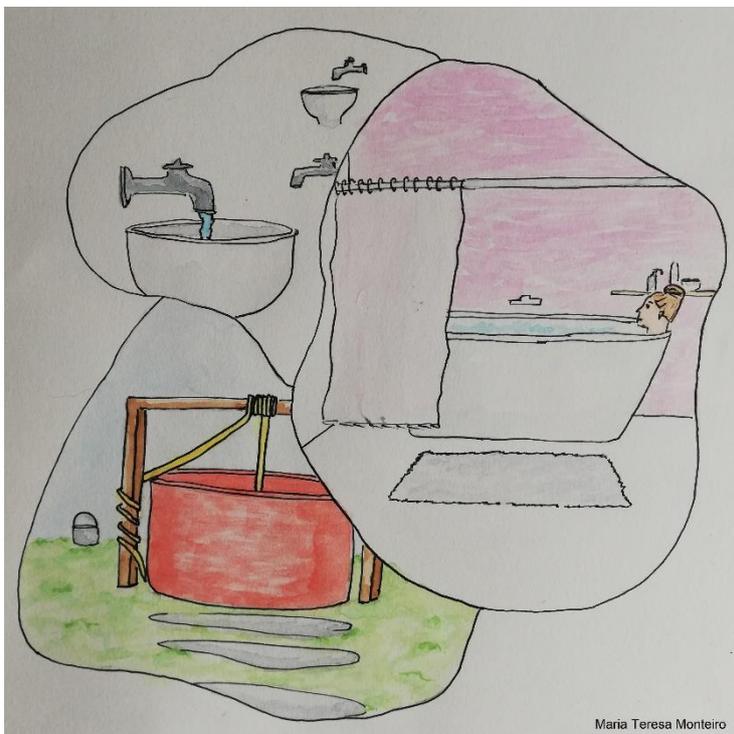


Maria Madalena Monteiro

nadavam uns peixes gordos, uns carpácios dourados que comiam mosquitos e as lesmas que lá entrassem. A água

era captada por um sistema de tubos e ampulhetas, uns recipientes cúbicos de decantação.

Foi assim durante muitas décadas.



Mas nos anos oitenta procedeu-se à abertura do poço artesiano, a água jorrou com fartura e as árvores cresceram em volta da casa. **Foi possível** expandir o jardim, introduzir novas espécies, **abrir torneiras por**

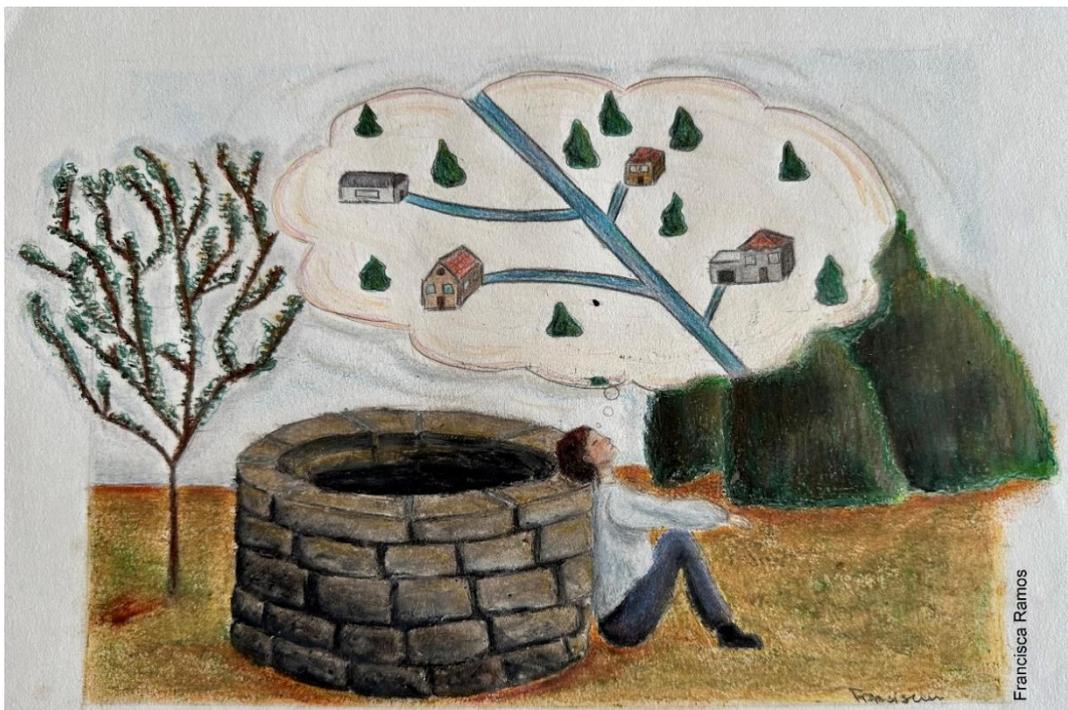
várias divisões e assim esquecer o ciclo natural da água.

Em princípio ela lá está por toda a parte, não é necessário fazer esperas nocturnas junto dos poços, nem procissões pedindo água às nuvens. Não pensamos mais de onde ela vem nem para onde vai, não a vemos, não a sentimos.



Ter água deixou de ser dádiva, passou a ser instrumento.

Consta que em breve a municipalidade criará uma



distribuição urbana pelas casas do lugar e que a certa altura chegará esse benefício à casa do bosque. Cada vez

mais longe da origem da água, como numa qualquer cidade. **Mas irá ser sempre assim? Até quando será?**

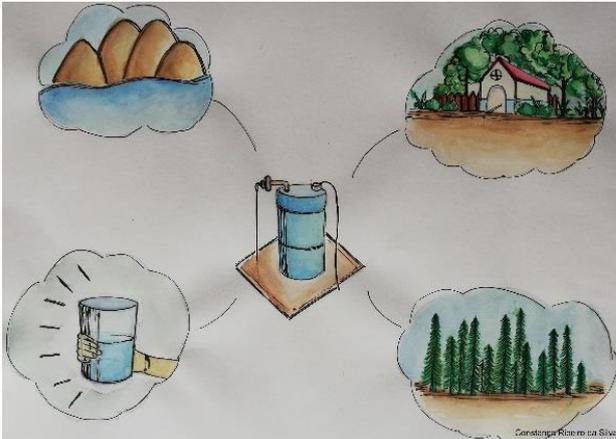


Dizem que a terra tem cerca de 4500 milhões de anos, que durante a formação do planeta o hidrogénio e o oxigénio juntaram-se sob a forma de vapor no interior da crosta terrestre. Esse vapor teria começado a libertar-se para a atmosfera, talvez 100 milhões de anos após a formação da Terra. Posteriormente, terá começado a chover e os oceanos formaram-se ao longo de cerca de 400 milhões de anos. Ou seja, uma parte substancial da água do planeta existe há cerca de 3700 milhões de anos. E desde então, a água é a mesma. O mesmo volume, a mesma quantidade, a mesma bolha de vapor, líquido e gelo, entre a atmosfera e a Terra. **Consta que a água em que patinharam os**



dinossauros e, milhões de anos depois, Cleópatra tomou banho rodeada de aias, continua a ser a mesma que chove agora sobre os nossos terraços. Que algumas das gotas que estão no copo de água que tomamos à

refeição, terão estado no rio Nilo amparando a cesta onde foi achado o recém-nascido que seria Moisés. O *iceberg* que rasgou o casco do *Titanic* terá tido na sua estrutura assassina a água dos mares sulcados pelos barcos dos *vikings*. A mesma que lá estava no Jordão quando se baptizou Jesus Cristo.



Todas as águas, uma só água, milhares de formas de vida, só uma fonte de vida. E, assim, a água não desaparecerá da atmosfera da Terra, nem

da crosta terrestre, nem os oceanos irão desaparecer, com as alterações do clima. Não será o volume de água que estará em causa, será a sua distribuição. **Lugares da Terra**



férteis poderão ficar estéreis, e os estéreis poderão ser inundados de forma inesperada, as zonas ribeirinhas das cidades poderão perder a sua

configuração, e essa mudança custará vidas, deslocções, pânicos, tumultos pré-históricos nos tempos históricos futuros. **O que posso eu fazer, enquanto chover, quatro, cinco vezes por ano?**

Não posso mudar os rios, não posso mudar os mares, não posso enviar recado às nuvens. Não posso nada, mas acredito no poder de certos actos de cerimónia.



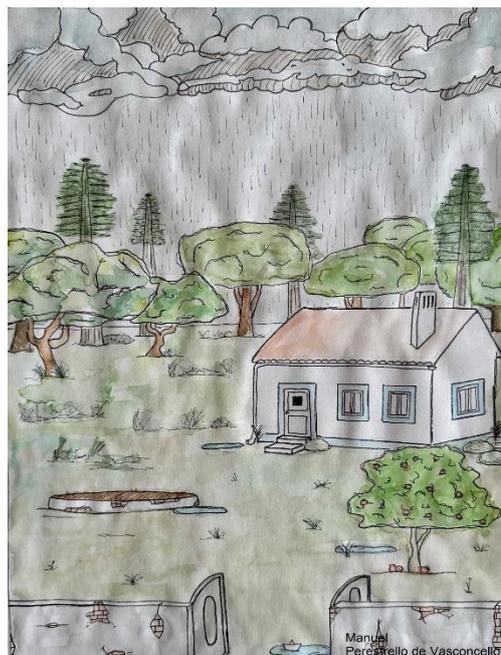
Julgo que se não deitar fora a água da cozinha, e com ela regar as plantas que estão no jardim. Que ajudarei a manter um equilíbrio remoto, um papel tão mínimo quanto o de um grão de areia na consistência das dunas. Ainda assim, hei-de fazê-lo, hei-de respeitar a água, enquanto digo com Manuel bandeira –

Prendei o rio / maltratai o rio / Trucidai o rio. / A água não morre / A água é feita / De gotas imensas / Que um dia serão / Maiores que o rio ...



Na casa do bosque, eu altero o poema de Manuel Bandeira, escutando a chuva e dizendo – ***Prendei a chuva / maltratei a chuva. / A água é feita de gotas imensas / Que um dia serão / Maiores que a chuva...***

Esta é a minha contribuição para que se mantenha o ciclo natural da água – Acreditarei no destino dos homens enquanto acreditar na proeza da chuva.



FIM

(...esta é a contribuição dos alunos e da professora de desenho a do 12º F para que se mantenha o ciclo da chuva – acreditaremos no destino da humanidade enquanto acreditarmos na proeza da chuva...)